

RESENHA

Caricato ou original? *Solitária*, de Eliana Alves Cruz

CAMILA ALVES MELO FERREIRA

Graduanda em Letras (UFMG)

E-mail: camilaalvesm.ferreira@gmail.com

CRUZ, Eliana Alves. *Solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 161 p.

Eliana Alves Cruz, por formação, é jornalista, com atuação primordial na área esportiva. Na literatura, estreou em 2016 com a publicação de *Água de barrela*, obra vencedora do Prêmio Silveira Oliveira em 2015, o que viabilizou sua primeira edição. O enredo acompanha, ao longo de 300 anos, a vida de uma família de mulheres. Em 2018, foi reeditado pela Editora Malê. Nesse mesmo ano, publicou *O crime do Cais do Valongo*, uma de suas obras mais conhecidas, que revela seu gosto pelo romance histórico investigativo ao desvendar um crime ocorrido no cais mencionado no título. Em 2020, lançou *Nada digo de ti, que em ti não veja* e, em 2022, o livro de contos *A Vestida*, que obteve um dos prêmios de maior prestígio na cena literária brasileira, o Prêmio Jabuti. Com essas publicações, é indiscutível a robustez da produção da autora que, apesar de recente na literatura brasileira, já possui um catálogo literário consolidado e reconhecido por diversos prêmios.

Arrematando essa sequência de livros, surge *Solitária*, romance da autora publicado em 2022 que acompanha a vida de Eunice, empregada doméstica da cobertura de um prédio de classe média, que vive com sua filha Mabel em um quartinho da casa. Sem direito a férias, folgas ou fim de semana, a vida das personagens se passa entre as paredes do Golden Plate, prédio cuja estrutura está assentada no trabalho que explora não só as empregadas mencionadas, mas também outros prestadores de serviços, como o porteiro Jurandir e seus filhos, Cacá e João Pedro.

Escrita em uma linguagem acessível, a obra é disposta em três partes: na primeira, a narração é de Mabel; na segunda, da mãe da garota; e, na terceira e última seção do livro, os cômodos da casa são animados e assumem a voz narrativa — um traço que, como será discutido posteriormente, oscila entre o original e o caricato. Além disso, o fio temporal não é linear, visto que o leitor inicia a leitura com a reverberação de um crime que só é compreendido no fim da obra — isto é, só se sabe quem cometeu o ato e, principalmente, se essa pessoa efetivamente será responsabilizada por isso depois de uma tomada de atitude por parte de Eunice.

Na primeira seção do livro, Mabel é a narradora, como demonstra a frase “Mãe... a senhora precisa se libertar dessas pessoas”. Esse trecho, presente no início da obra, evidencia a principal característica da filha de Eunice: um olhar atento às condições de vida e trabalho naquele lugar, conseguindo reconhecer a real situação de subjugação. Vestibulanda de medicina, Mabel foi levada para o trabalho com sua mãe desde pequena e, assim, teve que adaptar sua infância a um espaço limitado — tanto fisicamente, por se

tratar de apenas um cômodo, quanto ludicamente, já que a menina ficava horas a fio sozinha naquele lugar precário. Suas primeiras experiências no Golden Plate ilustram essa adaptação:

Até que acabaram os biscoitos e a água que levamos na mochila. Bateu sede, mas eu não podia sair do quartinho. Bateu fome, mas eu não podia sair do quartinho. Bateu vontade de fazer xixi, mas... descobri que tinha um microbanheiro atrás de outra porta branca: um vaso sanitário, um chuveiro que por pouco não estava sobre o vaso e, em frente aos dois, uma pia com um espelho na parede acima dela. Entre o espelho e a pia, uma prateleira com um pote, um tubo de pasta de dentes e uma escova dentro. Tudo no diminutivo (Cruz, 2022, p. 18).

Essa descrição do quartinho de empregada revela o ambiente no qual mãe e filha viveram durante anos: um espaço pequeno, com um banheiro também reduzido e sem conforto. Pode-se dizer que se tratava de uma casa limitada àqueles dois cômodos. Essa condição, na obra, não era exclusiva de Eunice e Mabel, mas estendia-se também a Jurandir, o porteiro, e seus filhos:

Fumaça. Era normal aquele tom cinzento que às vezes tomava conta do ambiente. Um basculante no alto da parede bem que tentava, mas não dava conta de fazer circular todo o carbono e renovar o ar que enchia meus pulmões. Em edifícios como o Golden Plate, uma casa de porteiro típica é irmã da garagem. Para quem entra, é a primeira porta fechada que encontra. Para quem sai, a última (Cruz, 2022, p. 146).

Esse trecho, retirado da última seção do livro, evidencia as más condições às quais outros trabalhadores do prédio também estavam submetidos. Nesse caso, além do pequeno espaço, há a contaminação do ar, oriunda dos gases liberados pelos motores dos veículos, e a poluição sonora, haja vista o alto fluxo de automóveis que circulam no Golden Plate. Assim, ao decorrer do livro, é possível notar as consequências dos anos de trabalho nesse espaço no personagem Jurandir, que desenvolve problemas respiratórios. Além desses trechos mencionados, em diversos outros momentos, Eliana Alves Cruz se dedica de fato à descrição dos espaços. Como irá ser discutido adiante, a importância da apresentação desses se dá pelo fato deles evidenciarem estruturas sociais mais profundas.

Na segunda parte, quem assume a condução da narrativa é a empregada doméstica Eunice. Como a escritora deixa claro para o leitor, ela já possui uma visão ambígua sobre a relação com os patrões Tiago e Lúcia, por estar envolta na complexa relação entre empregado e empregador em termos do trabalho doméstico.

Como Juliana Souza (2021) esclarece, esse serviço não é como qualquer outro: nele existem traços do que Sérgio Buarque de Holanda (1995 *apud* Souza, 2021, p. 275) denominou como a “cultura da cordialidade”. Esse fenômeno reverbera no mundo do trabalho pela prevalência da pessoalidade acima das relações profissionais, isto é, pela mescla entre o público e o privado. Deve-se ressaltar que esse traço cordial não se refere

à bondade ou generosidade; pelo contrário, indica uma ação recoberta de afetos que mascaram relações de conflito e violência.

Esse traço cordial foi construído em um país cuja fundação tem raízes no personalismo, ou seja, na prevalência do poder econômico e pessoal sobre princípios democráticos. A esse respeito, Juliana Souza (2021) ressalta que:

O “ethos personalista” — materializado na cultura da cordialidade, em contraposição aos princípios antiparticularistas da equidade social — não se restringiu às relações entre senhores e escravos, lançando-se a outras relações sociais e subsistindo como aspecto estrutural, ao adquirir formas modificadas, também no Brasil moderno (Holanda, 1995, p. 146 *apud* Souza, 2021, p. 274).

Nesse sentido, pode-se dizer que, na atualidade, ainda podem ser encontrados traços personalistas e cordiais nas relações estabelecidas, por exemplo, no trabalho doméstico moderno que, por sua vez, mantém profundas relações de servidão da época escravocrata:

Certamente é plausível sustentar a hipótese de que a “cultura da cordialidade”, sobre a qual Holanda (1995) refletia na década de 1930, tenha favorecido a longevidade do servilismo (ANTUNES, 2013). Ainda que a escravidão, com a Abolição (1888), tenha sofrido um golpe fatal — ao menos no que se refere ao regime moderno que perdurou até o crepúsculo do século XIX —, sinais da persistência arcaica do servilismo estariam demonstrados no grau acentuado das taxas de informalidade no mercado de trabalho brasileiro e particularmente nos Serviços Domésticos, nas jornadas de trabalho extenuantes, enfim, na recusa histórica ao efetivo acesso aos direitos trabalhistas e de cidadania (Souza, 2021, p. 275-276).

Por esses motivos, é possível entender a alta taxa de informalidade e a escassez de direitos no trabalho doméstico: ele não é visto sob uma dimensão profissional. Historicamente, em uma sociedade marcada pela cordialidade e pelo servilismo, o trabalho doméstico se estabeleceu por meio de relações informais e pessoais, ao invés de contratos profissionalmente firmados.

Nesse sentido, Eunice é vista como alguém que “é como se fosse da família”, ou seja, não é reconhecida como uma trabalhadora formal. Essa lacuna na delimitação do que é privado e do que é público pode resultar na ausência de direitos básicos para a empregada doméstica, como acesso a férias e jornadas de trabalho dentro da carga horária estipulada. Sobre isso, Souza (2021) aponta que:

Como efeito, o hiperdimensionamento do fundo emotivo e do contexto privatista na atualidade, estabelecidos em detrimento de contratos regulamentados e formalmente celebrados, fragiliza e desmobiliza para o engajamento contestador, na relação assimétrica abordada, parte das trabalhadoras domésticas no seu cotidiano profissional ainda em nossos dias, sujeitas às vicissitudes do afeto dos empregadores, que alia

proteção paternal, de um lado, arbítrio e violência, de outro, oscilando capciosa e ambigualmente entre esses polos (Souza, 2021, p. 275, grifo nosso).

Assim, nesse cenário de informalidade, percebe-se em *Solitária* uma gratidão de Eunice aos patrões, Tiago e Lúcia, por terem lhe dado a oportunidade de trabalho em uma situação de necessidade. Reconhecemos aqui, portanto, o hiperdimensionamento do fundo emotivo, nos termos de Souza (2021, p. 275), que mostra como, no ambiente doméstico, o trabalho é envolto em sentimentos de agradecimento, entre outros.

Isso revela o traço cruel da cordialidade: ao sentir-se grata a eles, Eunice passa a desenvolver uma certa dependência em relação àquele ambiente, perpetuando assim sua situação de violação de direitos e criando sua filha dentro desse contexto. Essa é a ambiguidade do trabalho doméstico que Eliana Alves Cruz consegue evidenciar em sua obra: embora tenha oferecido “oportunidades” no passado, hoje explora e aprisiona essas trabalhadoras.

Solitária também retrata a solidão dessas empregadas domésticas: Eunice vive no trabalho e, conseqüentemente, se afasta de sua mãe, sua casa, seu bairro e amigos. Com isso, as relações de proximidade são desenvolvidas exclusivamente dentro desse ambiente. Assim, a confusão entre o público e o privado, somada à solidão dessas mulheres, configura uma posição de vulnerabilidade social, que Cruz consegue exemplificar de maneira notável através da figura do Golden Plate e seus moradores e funcionários.

Como apontado por Souza (2021, p. 283), relacionado a esse isolamento, há o desenvolvimento de uma grande proximidade entre as empregadas domésticas, especialmente as babás, e os filhos dos patrões. No livro, Eunice e Camilinha, filha de Tiago e Lúcia, são muito próximas, uma vez que, antes mesmo do nascimento da garota, a empregada doméstica já estava na casa e, após sua chegada, ocupa o papel de principal cuidadora. Tal vínculo é tão forte que, em um trecho emblemático, Eunice considera Camilinha sua própria filha:

Eu sei que ela [Mabel] sempre sentiu ciúme da Camila. Mas ela não entende que a menina também é minha filha! Nunca que vou gostar menos dela e mais da outra. É só que a gente se apegava a uma criança quando vê nascer, acompanha os primeiros passinhos, vê o primeiro dente cair... essas coisas. Quem não se comove com um sorriso de bebê tem pedra no lugar do coração (Cruz, 2022, p. 76, grifo nosso).

Essa profunda afetividade desenvolvida entre as duas, ao longo da obra, é responsável por obscurecer a visão de Eunice quanto às ações da filha dos patrões, principalmente no que diz respeito a um dos pontos centrais do livro: o crime. Por isso, ao final, quando a personagem começa a tomar consciência de sua situação no Golden Plate, é feita uma reelaboração da figura de Camilinha — que sempre é infantilizada e referida no diminutivo.

Nesse momento da narrativa, em que um delito é cometido, um elemento da realidade brasileira contemporânea é trazido à ficção. Trata-se do caso de Miguel¹, ocorrido em 2020 em Recife (PE), uma criança de 5 anos que morreu ao cair da altura de trinta e três metros, do nono andar do prédio em que sua mãe trabalhava como empregada doméstica, sob supervisão de Sarí Corte Real, proprietária do apartamento e responsável pelo menino no momento do acidente. Nesse contexto de pandemia, que aparece em *Solitária*, não havia escola para o garoto, que, assim, teve de acompanhar a mãe no trabalho. Ao apresentar um caso semelhante em seu livro, Eliana Alves Cruz mostra-se atenta ao contexto brasileiro e, além disso, às complexas relações estabelecidas no trabalho doméstico — temáticas que são ficcionalizadas em sua literatura.

Além disso, em *Solitária*, os espaços físicos têm grande importância, metaforizando as condições sociais existentes. Começando pelo título, escolha feita por Cruz para destacar a situação de aprisionamento em que vivem Eunice e sua filha, moradoras de um espaço pequeno, sem conforto ou privacidade, semelhante à cela de um centro penitenciário. Essa opção da autora também aponta para o fato de que esse cômodo, além de assemelhar-se a uma prisão, também as afasta de amigos, parentes e conhecidos fora daquele condomínio — portanto, é um lugar que aprisiona e afasta.

Ademais, a própria estrutura do Golden Plate faz uma importante referência: quanto mais alto o apartamento, maior é a posição de privilégio; quanto mais baixo, menores são os direitos e vantagens dentro da estrutura do prédio. A garagem, por exemplo, onde Jurandir e seus dois filhos, funcionários do condomínio, convivem constantemente com o barulho dos carros, a fumaça e o cheiro de combustível, está na base do edifício, tanto no aspecto físico quanto na dimensão simbólica, já que o dia a dia do Golden Plate está assentado no trabalho realizado por esses funcionários. Por outro lado, na cobertura, vivem os patrões de Eunice, pertencentes a uma classe social favorável e detentores do capital pelo qual os empregados tiram seu sustento, o que configura, então, a camada mais privilegiada daquele espaço.

Dada essa importância dos espaços como metáfora para a discussão de questões complexas, Eliana Cruz elege, na terceira e última parte do livro, os cômodos do apartamento de Lúcia e Tiago como os condutores da narrativa. Esse traço de personificação é evidente, por exemplo, no trecho abaixo:

Levei um tremendo susto quando ouvi a voz de Eunice na cozinha. Quanto tempo! Minhas paredes tremeram, pois foram muitos anos velando o sono dela e de sua filha Mabel. Sei que eu, no fundo, não era um quarto. Eu era uma solitária. Exatamente. Uma prisão, um lugar destinado a apartar do mundo e do restante dos viventes. Sou tão pequeno... mas sei também que consegui abrigá-las como nenhum outro cômodo da casa (Cruz, 2022, p. 139).

¹ AZEVEDO, Amanda. **Caso Miguel**: relembre a morte do menino, que caiu de prédio no Recife. Diário de Pernambuco, 2023. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2023/11/caso-miguel-relembre-a-morte-do-menino-que-caiu-de-predio-no-recife.html>. Acesso em: 14 maio 2024.

Nesse excerto, é possível perceber, primeiramente, um reconhecimento por parte do próprio cômodo como “solitária”, elemento que, como discutido acima, pode justificar o título. Além disso, é fundamental refletir se essa personificação, como a do quarto da empregada, que testemunhou a vida das duas por longos anos, como recurso narrativo, era necessário e, mais do que isso, de que forma contribuiu para a obra. Argumenta-se que, de certa forma, o prédio enquanto metáfora para a realidade era suficiente e, assim, esse movimento de dar voz a esses cômodos reduziu a um elemento explícito as importantes considerações da autora sobre essas relações domésticas e sociais. Portanto, nota-se que Cruz coloca de forma caricata e infantil o recurso incomum de trazer objetos inanimados como condutores da narrativa. A partir das escolhas feitas pela autora, o que poderia ter sido surpreendente e inovador na literatura resultou em pouco valor agregado à obra.

Apesar disso, é indiscutível a capacidade de *Solitária* em abordar a complexidade envolvida no trabalho doméstico contemporâneo, marcado pela ambiguidade e pela cordialidade. Mais uma vez, Eliana Alves Cruz demonstra sua habilidade em lidar com temas espinhosos de forma complexa e, de certa forma, surpreendente. Trata-se, portanto, de um romance relevante para a compreensão dos diferentes matizes da relação estabelecida entre empregador e empregado no âmbito doméstico.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. **Caso Miguel**: relembre a morte do menino, que caiu de prédio no Recife. *Diário de Pernambuco*, 2023. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2023/11/caso-miguel-relembre-a-morte-do-menino-que-caiu-de-predio-no-recife.html>.

CRUZ, E. A. **Solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SOUSA, J. Moral das senzalas versus luta por direitos: o trabalho doméstico remunerado no Brasil contemporâneo. *Temáticas*, Campinas, v. 29, n. 57, p. 269-299, 2021.